

**1964**

**Golpe midiático-civil-militar**

## **Conselho Editorial**

Alex Primo – UFRGS  
Álvaro Nunes Larangeira – UTP  
André Parente – UFRJ  
Carla Rodrigues – PUC-RJ  
Ciro Marcondes Filho – USP  
Cristiane Freitas Gutfreind – PUCRS  
Edgard de Assis Carvalho – PUC-SP  
Erick Felinto – UERJ  
Francisco Rüdiger – PUCRS  
Giovana Scareli – UFSJ  
J. Roberto Whitaker Penteadó – ESPM  
João Freire Filho – UFRJ  
Juremir Machado da Silva – PUCRS  
Marcelo Rubin de Lima – UFRGS  
Maria Immacolata Vassallo de Lopes – USP  
Michel Maffesoli – Paris V  
Muniz Sodré – UFRJ  
Philippe Joron – Montpellier III  
Pierre le Quéau – Grenoble  
Renato Janine Ribeiro – USP  
Rose de Melo Rocha – ESPM  
Sandra Mara Corazza – UFRGS  
Sara Viola Rodrigues – UFRGS  
Tania Mara Galli Fonseca – UFRGS  
Vicente Molina Neto – UFRGS

**Juremir Machado da Silva**

**1964**  
**Golpe midiático-civil-militar**



*Editora Sulina*

© Juremir Machado da Silva. 2014

Capa: Humberto Nunes

Projeto gráfico e editoração: Niura Fernanda Souza

Revisão: Matheus Gazzola Tussi, Álvaro Nunes Laranjeira

Editor: Luis Antônio Paim Gomes

Impressão: Gráfica Pallotti

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Bibliotecária Responsável: Denise Mari de Andrade Souza – CRB 10/960

---

S586m      Silva, Juremir Machado da  
                    1964. Golpe midiático-civil-militar / Juremir Machado da Silva. --  
                    Porto Alegre: Sulina, 8ª edição, 2017.  
                    160 p.

ISBN: 978-85-205-0701-8

1. Imprensa – Golpe Militar – Brasil. 2. Ditadura Militar – Imprensa. 3. Jornalismo – Brasil – História - 1964. 4. Política – História do Brasil – 1964. 5. Golpe Militar – Imprensa - Brasil. I. Título.

CDD: 070.17

981.066

CDU: 070(81)

981.088

---

Todos os direitos desta edição são reservados para:  
EDITORA MERIDIONAL LTDA.

Editora Meridional Ltda.

Av. Osvaldo Aranha, 440 cj. 101 – Bom Fim

Cep: 90035-190 – Porto Alegre/RS

Fone: (0xx51) 3311.4082

Fax: (0xx51) 2364.4194

www.editorasulina.com.br

e-mail: sulina@editorasulina.com.br

Março/2017

# Sumário

1. Narrativas jornalísticas em tempos históricos .....	7
2. Origens do golpe .....	10
3. O Brasil de Jango.....	25
4. O papel da imprensa.....	32
5. A traição dos “intelectuais” .....	41
6. Callado falou demais.....	64
7. Os demais “intelectuais orgânicos” dos “Idos de março” .....	76
8. A imprensa disse sim três vezes.....	87
9. <i>Folha de S. Paulo</i> , da dura dita à “ditabranda”.....	117
10. O golpe no <i>Estadão</i> .....	124
11. Editoriais na imprensa dos Estados Unidos .....	128
12. Do entusiasmo à retratação de <i>O Globo</i> .....	131
13. Golpe midiático-civil-militar e bola para frente.....	139
Posfácio – Novo golpe? .....	152
Bibliografia .....	156
Sobre o autor .....	160



# 1. Narrativas jornalísticas em tempos históricos

Tudo é narrativa e todas as narrativas dependem do ponto de vista do narrador. Essa afirmação, em tom de clichê sensato, topográfico e subjetivista, contém uma parte de verdade que se dilui no relativismo ingênuo que pode tragá-la. Se tudo depende do ponto de vista de quem narra, não há verdade. Se isso é verdade, então há verdade e essa verdade já não depende do ponto de vista do narrador. Ou se trata apenas de lógica? Ou de falta de lógica? Se todas as narrativas se equivalem, como indicam certas reflexões baseadas numa epistemologia da suspeita – ela mesma sob suspeita –, como pode o jornalismo buscar uma verdade insuspeita para cumprir seu papel? Será possível desconstruir – desbastar, retirar, eliminar – as várias camadas narrativas que encobrem um acontecimento para tentar alcançar alguma verdade escondida por trás dos textos que o narraram?

Carlos Lacerda, jornalista e político, contaminou uma geração e uma época com sua virulência verbal e com o seu conservadorismo encarnado num partido político, a União Democrática Nacional, aguilhão do golpe de 1964, embrião da ARENA, sustentáculo do regime militar. Num livro jamais publicado, um ex-ajudante de ordens de Juscelino Kubitschek sintetizou a UDN como uma maneira de ser no mundo: “Não se pode aceitar a UDN como um simples partido. Nem todos os seus integrantes são udenistas legítimos,

bem como há muito espírito udenista integrando outros partidos. Explico: a UDN deve ser encarada principalmente como estado de espírito. Todo vendilhão da Pátria falando em patriotismo; todo desonesto falando em honestidade; todo amoral falando em moralidade; todo ditador falando em democracia; todo mistificador falando sempre em verdade; enfim, todo aquele que fala exatamente o contrário daquilo que está sentindo ou fazendo, está devidamente possuído do espírito udenista. Assim, meus caros leitores, quando um udenista de boa estirpe falar em democracia, prepare seu lombo para apanhar. Se falar muito em honestidade, trate de abotoar seus bolsos”. Ou o paletó.

A mídia, em 1964, enquanto falava sem parar de democracia e de ordem constitucional, preparava o lombo dos brasileiros para os golpes que eles sofreriam por duas décadas e meia. O udenismo lacerdista tornou-se um estilo de fazer jornalismo. Só um jornal resistiu, de fato, ao golpe, a Última Hora, de Samuel Wainer. Como tudo é narrativa, rapidamente alguns jornalistas perceberam o nefasto equívoco e tentaram corrigir o rumo, embora alguns, como Antonio Callado, tenham ficado oscilando um pouco entre o que publicavam nos seus jornais e o que escreveram para um livro organizado por Alberto Dines, *Os idos de março e a queda em abril* (1964). Carlos Heitor Cony, hoje romancista de renome, foi talvez o primeiro a compreender o tamanho do erro em que tinham se atolado, ele mesmo tendo ajudado, como se verá, a desqualificar Jango e o seu governo. Como tudo é narrativa, 15 anos depois da queda de Jango um livro negaria o sim entusiástico, na primeira hora, dos jornalistas ao golpe com um glorioso, mas falso, título, *O golpe de 1964*:

*a imprensa disse não* (1979), organizado por Thereza Cesário Alvim.

Passado meio século de tantos enganos, releituras e novas narrativas, chegou a hora da exumação dos restos mortais da imprensa de 1964. Alguns jornalistas daquela época ainda andam por aí como espectros vangloriando-se do que nem sempre foram e disseminando, ou deixando crer, versões épicas sobre o que, na verdade, não passou, na hora do pior, no momento do mergulho no abismo, de uma adesão patética, vergonhosa, entusiasmada e convicta baseada em falsos argumentos, em sofismas, em espantalhos brandidos para assustar os incautos e num conservadorismo entre ingênuo, arrogante e desinformado.

A demonstração completa de como, entre 1961 e 1964, a imprensa ajudou a preparar o golpe, com seu trabalho cotidiano de desqualificação do governo João Goulart, deve ou deverá ser procurada nos estudos do jornalista e professor Álvaro Nunes Larangeira ou de Camila Kieling. Aqui, o leitor encontrará um exame dos instantes imediatamente anteriores e posteriores ao ato que instituiu os “anos de chumbo” no Brasil, que ansiava por um salto para o futuro. Trata-se de mais um trabalho de “desencobrimento”, de desconstrução narrativa, de revelação da ambiguidade de certos discursos e de desvelamento: fazer vir à tona o que se esconde sob a poeira das frases do passado.